

**AJES – FACULDADE VALE DO JURUENA**  
**BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

**AMANDA PAULA TIGRE WEBER**

**RELACIONAMENTOS ABUSIVOS E PORQUE NOS SUBMETEMOS A ISSO: a  
perspectiva da psicanálise freudiana**

Juína – MT

2020

**AJES – FACULDADE VALE DO JURUENA**  
**BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

**AMANDA PAULA TIGRE WEBER**

**RELACIONAMENTOS ABUSIVOS E PORQUE NOS SUBMETEMOS A ISSO:  
a perspectiva da psicanálise freudiana**

Artigo apresentado ao Curso de Bacharelado em Psicologia da AJES – Faculdade Vale do Juruena, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia, sob orientação do Prof. Dr. Pedro Octávio Gonzaga Rodrigues.

Juína– MT

2020

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por ter me dado forças e sabedoria para chegar até aqui. À minha família, que sempre esteve ao meu lado me apoiando, incentivando, cobrando e sempre, sempre me elogiando por cada pequena conquista e me fazendo ver que cada passo importa ainda que ele seja pequeno.

Ao meu amor, Altamiro Neto, que tanto me ajudou nessa trajetória, foram 5 anos difíceis, mas que não me deixou pensar em desistir por um segundo sequer. Aos meus amigos, que sempre foram companheiros. Aos meus amigos de turma, que choramos e rimos juntos por tanto tempo.

Agradeço as minhas amigas, Thaís Maria Basso e Rita Naiane, que foram simplesmente incríveis durante toda a graduação, por me ajudarem tanto, por me acalmarem, por serem presentes, por cada puxão de orelha, por cada risada. Por tudo. Gratidão por ter vocês em minha vida.

Agradeço a Ma. Larissa Assunção Santos, Ma. Amanda Grazielle Aguiar Videira, Ma. Luana Souza, Ma. Chayene Hackbarth, Dra. Nádie Christina Machado-Spence e Dra. Marileide Antunes de Oliveira, que foram meus espelhos, as mulheres em que me inspiro e desejo um dia ser tão excelente quanto elas. Aos meus professores de toda a graduação que não mediram esforços para nos ensinar tanto na teoria quanto na prática.

Ao meu adorado orientador, Prof. Dr. Pedro Octávio Gonzaga Rodrigues, por ter aceitado esse desafio de me orientar (rs), e ter sido tão compreensivo comigo. Gratidão por tudo.

Agradeço a todos que, de forma direta ou indireta, contribuíram para que eu chegasse onde estou hoje. Obrigada.

Minha gratidão a todos e por tudo!

*“Suba o primeiro degrau com fé. Não é necessário que você veja toda a escada. Apenas dê o primeiro passo”.*  
*Martin Luther King*

# **RELACIONAMENTOS ABUSIVOS E PORQUE NOS SUBMETEMOS A ISSO: a perspectiva da psicanálise freudiana**

Amanda Paula Tigre Weber<sup>1</sup>  
Pedro Octávio Gonzaga Rodrigues<sup>2</sup>

## **RESUMO**

O número de denúncias de mulheres que sofreram algum tipo de violência doméstica ultrapassou o marco de um milhão de pessoas no Brasil no ano de 2019, representando um aumento 5% em relação ao ano de 2018. Muitas mulheres não chegam nem a realizar a denúncia formal e com isso surge a necessidade de questionar-se: qual o motivo que leva as mulheres a permanecer em relacionamentos abusivos? Existem diferentes motivos que explicam esses comportamentos. O presente trabalho busca apontar alguns desses motivos à luz da psicanálise. Para que este estudo pudesse ser realizado fez-se uma revisão de literatura nas bases de dados Biblioteca Virtual da Saúde (BVS), Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PEPSIC), Scientific Electronic Library Online (SciELO) e no Google Acadêmico, no período compreendido entre os anos de 2010 e 2020, para que se trouxesse dados recentes sobre o tema. Com base nos resultados obtidos a partir das pesquisas, conclui-se que muito ainda deve ser feito para diminuir os índices de violência dentro de relacionamentos amorosos e que a psicanálise faz contribuições significativas a respeito disso explicando como as pessoas acabam por se submeter a tal situação, como por exemplo as ligações afetuosas anteriores ao Complexo de Édipo bem como as experiências com o primeiro objeto de amor, que são os pais.

**Palavras-chave:** Relações amorosas; Abuso emocional; Psicanálise; Violência conjugal.

## **ABSTRACT**

The number of complaints from women who suffered some type of domestic violence exceeded the milestone of one million people in Brazil in 2019, representing an increase of 5% compared to 2018. Many women do not even make the complaint formal and with this the need arises to ask: what is the reason that leads women to remain abusive? There are different reasons that explain these behaviors. The present work seeks to point out some reasons in the light of psychoanalysis. In order for this study to be carried out, a literature review was carried out in the Virtual Health Library (VHL), Electronic Psychology Periodicals (PEPSIC), Scientific Electronic Library Online (SciELO) and Google Scholar databases, with no period between the years 2010 and 2020, to bring recent recent data on the topic. Based on the results obtained from the research, it is concluded that a lot still needs to be done to reduce the rates of violence among lovers and that psychoanalysis makes relevant contributions regarding this, explaining how people end up submitting to such a situation, such as the affectionate connections previous to the Oedipus Complex as well as the experiences with the first love object, which are the parents.

**Keywords:** Lover relationships; Emotional abuse; Psychoanalysis; Conjugal violence.

---

<sup>1</sup> WEBER, Amanda Paula Tigre. Acadêmica do Curso de Bacharelado em Psicologia da Faculdade AJES- Faculdade do Vale do Juruena. E-mail: amandaweber01@outlook.com.

<sup>2</sup> RODRIGUES, Pedro Octávio Gonzaga. Professor Doutor do Curso de Bacharelado em Psicologia da Faculdade AJES- Faculdade do Vale do Juruena. Orientador. E-mail:pedrooctavio.g.r@gmail.com

## INTRODUÇÃO

Todos os anos obtém-se dados cada vez mais elevados de violência contra a mulher, em seus mais variados tipos: física, verbal, psicológica, dentre outras. Segundo o Conselho Nacional de Justiça (2020), no fim do ano de 2019, o Brasil contava com mais de um milhão de processos de violência doméstica e cerca de 5,1 mil processos de feminicídio em tramitação na justiça, esses números correspondem a 5% a mais do que no ano de 2018. Com isso, o estudo sobre tal tema se justifica de modo a procurar entender o papel de aspectos psicossociais tomados nas decisões de permanecer nessas interações tóxicas.

Atualmente, enfrentar a violência contra as mulheres faz parte das grandes preocupações em políticas públicas de esfera internacional, como por exemplo a Organização das Nações Unidas (ONU). A fim de constituir uma rede mundial, estão ocorrendo avanços em diversas áreas com o intuito de lidar com isso de forma abrangente, justa e eficiente. Dessa maneira, se pode contar com profissional em psicologia que atua em diferentes contextos e áreas de trabalho, inclusive em delegacias de atendimento à mulher que estão em situação de violência dentro de um relacionamento (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2013; MACARINI; MIRANDA, 2018).

Uma das principais contribuições dos psicólogos, independentemente da sua área de atuação, é a promoção dos Direitos Humanos. Na realidade de mulheres que vivem essa situação de violência com seu cônjuge, é necessário que os profissionais de psicologia entendam sobre as políticas públicas existentes para que se conduza um diálogo entre Estado e sociedade de modo que se atenda os direitos fundamentais das pessoas envolvidas. Dessa forma, esse profissional deve seguir o documento de referência para atuação de psicólogas (os) em serviços de atenção à mulher em situação de violência, publicado pelo Conselho Federal de Psicologia em 2013 (MACARINI; MIRANDA, 2018).

Os motivos pelos quais mulheres decidem permanecer nesses modelos de relacionamentos são variados, entretanto, alguns podem não ser vistos como abusivos pelas mulheres devido ao fato de que:

As atitudes aprendidas na família de origem encontram um novo cenário para se manifestar quando se estabelece uma relação conjugal, por criarem uma condição de simetria por parte do casal. Assim, uma história de maus-tratos pode se perpetuar ao longo das gerações. Esta experiência na família de origem acabará influenciando o tipo de casamento que elas terão quando adultas (LIMA; WERLANG, 2011, p. 513).

As relações que explicam o modelo de se relacionar do indivíduo é definido por Freud

como relações objetais, ou seja, aquela em que o indivíduo se relaciona com seu ideal de ego, com o outro que possui características que ele deseja ter, pois há incorporações e identificações (CELES; SANTOS; ALVES, 2006). Balduino, Zandonadi e Oliveira (2017) trazem outras razões também estão ligadas à permanência da mulher no relacionamento abusivo, como por exemplo a dependência financeira, dependência emocional, supervalorização da família, constrangimento, dentre outras.

## **METÓDO**

As principais teorias que orientam a elaboração de um trabalho científico podem ser encontradas nas revisões de literatura do levantamento bibliográfico que é feito por meio de livros, periódicos, internet, dentre outros, para que se tenha o embasamento teórico do trabalho. A metodologia de revisão de literatura possui objetivos, dentre eles, os principais são de que este deve fornecer aprendizado sobre a área pesquisada; buscar facilitar a seleção de métodos e técnicas que estão disponíveis ao pesquisador; e por fim, dar informações que auxiliem na produção textual da introdução, fundamentação teórica e na discussão sobre o trabalho (PIZZANI et al., 2012).

Para realizar o presente trabalho, foi utilizada a seguinte pergunta problema: qual o motivo que leva as mulheres a permanecer em relacionamentos abusivos, na perspectiva da psicanálise freudiana?, sendo assim, para buscar a resposta, uma revisão da literatura nacional foi desenvolvida nos meses de agosto e setembro de 2020, abrangendo pesquisas qualitativas publicadas nas bases de dados Biblioteca Virtual da Saúde (BVS), Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PEPSIC), Scientific Electronic Library Online (SciELO) e no Google Acadêmico, nos anos de 2010 a 2020.

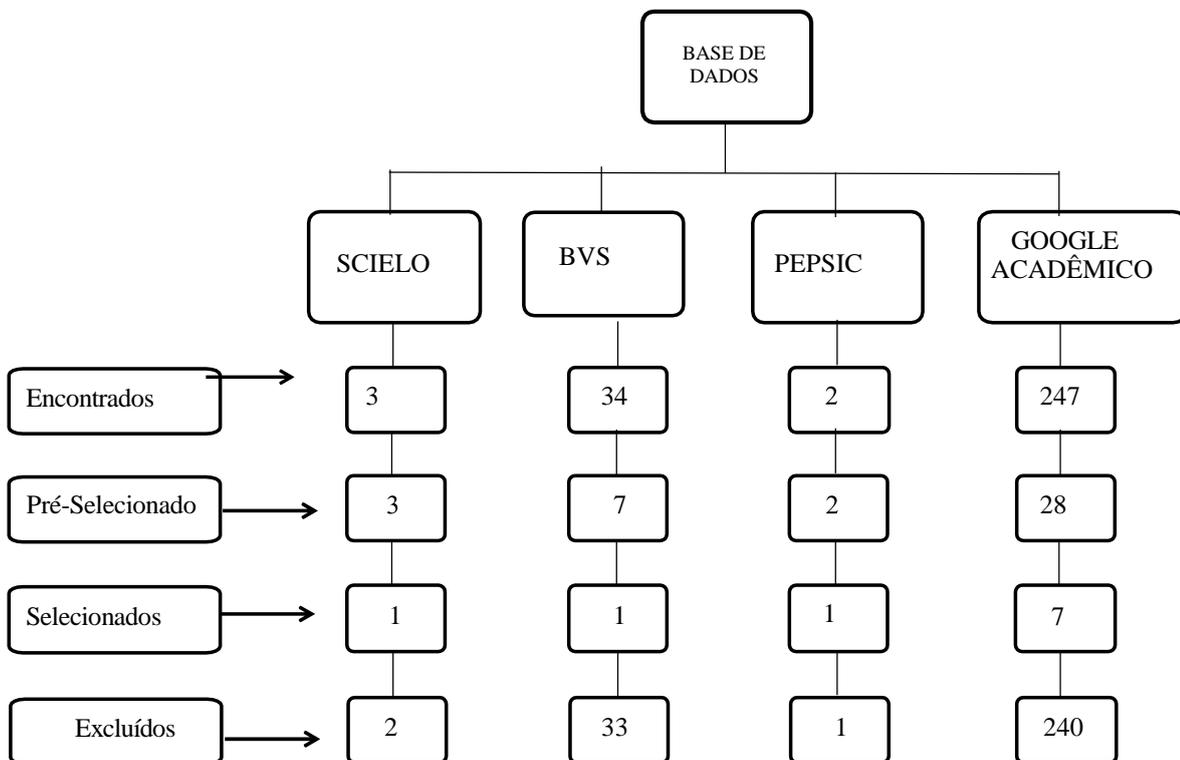
As palavras-chave para a busca dos trabalhos foram: Relações amorosas; Abuso emocional; Psicanálise; Violência conjugal. O operador de pesquisa booleano escolhido foi AND. A escolha do material foi feita por meio da leitura dos títulos e resumos de cada trabalho encontrado, sendo selecionados aqueles que sejam relevantes para o processo de pesquisa e tenham relação e expliquem os motivos que existem por trás da permanência em um relacionamento abusivo de acordo com psicanálise, sendo utilizado para tal os critérios: todos os tipos de trabalhos publicados entre 2010 e 2020, esse período de tempo foi definido para que se possa obter o maior número de informações que complementem o trabalho, que estejam disponíveis para download, sejam em português. Para exclusão dos artigos os critérios usados

foram trabalhos incompletos, trabalhos duplicados, de acesso restrito, os que não tivessem relação com o tema pretendido e trabalhos em outra língua que não fosse a portuguesa.

## RESULTADOS

A seleção dos trabalhos científicos se deu por meio de pesquisas realizadas em sites como Biblioteca Virtual de Saúde, Google Acadêmico, Periódicos Eletrônicos de Psicologia e Scientific Electronic Library Online (SciELO), onde se utilizou das palavras chaves: abuso emocional, psicanálise, violência conjugal e relações amorosas. No site Google Acadêmico fez-se o uso de aspas nas palavras Psicanálise e Abuso Emocional, para que todos os trabalhos as contessem. A imagem abaixo mostra a quantidade trabalhos encontrados em cada base de dados e as etapas para seleção.

Figura 1: Resultados de pesquisa



Fonte: WEBER, A. P. T., 2020.

Dessa forma, foi feita a leitura dos dez materiais selecionados para a realização da discussão. Os trabalhos excluídos não atenderam aos critérios de inclusão, ou seja, estavam em outro idioma, não abordavam o tema do trabalho em questão, duplicidade ou tinham acesso restrito. Com isso, segue uma tabela contendo autor, título, ano e um breve resumo sobre cada material.

Quadro 1: Artigos selecionados

AUTOR	TÍTULO	ANO	RESULTADOS
ARMILIATO; ALVES	GASLIGHTING: As mulheres estão loucas?	2019	Gaslighting é um termo em inglês compreendido como uma das formas de violência psicológica, onde a sanidade mental da vítima é constantemente provocada. Por ser difícil perceber que está passando por um relacionamento abusivo, a vítima acaba se diminuindo para que seu parceiro a “aceite”.
DIAS; NEVES	A Constituição do Vínculo Conjugal Violento: estudo de caso.	2014	Não conviver com o parceiro ou mesmo o desconhecer em muitas coisas pode levar à idealização do parceiro, causando frustrações, desilusões, e levando a conflitos conjugais, que é um objeto de estudo da psicanálise na busca pelo entendimento da formação da relação amorosa.
FERREIRA; DANIZIATO	A Violência Psicológica na Mulher sob a Luz da Psicanálise: um estudo de caso.	2019	O Édipo e a feminilidade nas relações edípicas exercem grande influência no papel da da parceira amorosa dentro do relacionamento.
FONTES	A (In) Visibilidade da Violência Conjugal Psicológica Contra a Mulher na Produção Científica Brasileira em Psicologia	2017	Dentre os tipos de violência conjugal existentes a violência psicológica é a que menos tem visibilidade, pois não deixa marcas visíveis e ela é difícil de ser aceita até mesmo pela vítima. Nesse estudo a psicanálise estuda os impulsos inconscientes ligados aos impulsos sexuais.
LIMA; WERLANG	Mulheres que sofrem violência doméstica: contribuições da psicanálise.	2011	Relacionamentos traumáticos impedem que mulheres deem um novo sentido para suas vidas aprisionando-as em relações destrutivas. A psicanálise traz que as experiências de violência no dia a dia podem implicar diretamente na formação desses relacionamentos.
NARDI; BENETTI	Contribuições Psicanalíticas Acerca da Violência Conjugal	2014	A psicanálise oferece ferramentas importantes como intervenções individuais e conjuntas, avaliações psicológicas e medidas preventivas em casos de violência,

			pois o atendimento ao agressor faz parte do combate à violência contra a mulher.
NEVES; DIAS; PARAVIDINI	A Psicodinâmica Conjugal e a Contemporaneidade.	2013	Seres humanos buscam sempre algum parceiro conjugal que passe o sentimento de segurança e pertencimento, porém existe a dúvida se vão conseguir manter esse relacionamento por muito tempo ou mesmo permanentemente por medo. A psicanálise estuda o fenômeno da formação e o contexto social da conjugalidade.
QUEIROZ	Longe dos olhos, mas perto do coração: a interferência da memória na (in)visibilidade da violência psicológica contra a mulher na relação conjugal.	2017	A violência psicológica é uma das formas mais comuns de abuso dentro de relacionamentos amorosos e que deixa marcas profundas em ambos os envolvidos e por ser de difícil identificação ela é tida como algo natural ou normal. A trajetória da mulher para ter o seu reconhecimento como sujeito se faz presente em diferentes áreas do saber, uma delas é a psicanálise.
SILVA	“Lar [in]dócil Lar”: A memória e o silêncio da violência no contexto das relações conjugais.	2014	Muitas vezes a violência conjugal não é percebida por quem a vive, apenas uma escuta qualificada é capaz de perceber essa violência incrustada no casamento, visto que a violência contra a mulher é algo tolerável em sociedades falocêntricas.
SOUZA	A Intergeracionalidade na Violência por Parceiros Íntimos: revisão sistemática.	2015	A violência conjugal é vista como um problema de saúde a nível global e sem distinção social, econômico, religioso ou cultural. A violência tem fatores relacionados com o repasse, ou seja, é geracional sendo transmitida de uma geração para outra, perpetuando relacionamentos violentos.

Fonte: WEBER, A. P.T., 2020

## DISCUSSÃO

Segundo o dicionário de Língua Portuguesa (RIOS, 2009, p 534), o termo violência significa “qualidade ou caráter do que é violento, abuso da força, tirania, opressão, veemência. ação violenta, constrangimento físico ou moral, qualquer força empregada contra a vontade, liberdade ou resistência de pessoa ou coisa; coação”. Rios (2009, p. 132) traz que conjugal significa “relativo aos cônjuges, que se refere ao casamento”. Sendo assim, entende-se por violência conjugal a ação violenta com o cônjuge. Ou como descrito por Silva (2014):

Esta forma de violência constitui-se como uma especificidade da violência intrafamiliar, portanto, doméstica, de natureza privada e ocorre entre os cônjuges, no âmbito das relações afetivas e amorosas, prioritariamente no espaço privado do lar. [...] A violência conjugal manifesta-se por meio de diversas formas de opressão, discriminação e exploração, ou seja, qualquer ato ou comportamento que envolve a expropriação do outro nas relações vivenciadas da conjugalidade. Assim, tanto os atos relacionados ao feminicídio, passando pela violação da integridade física e sexual, quanto os pequenos gestos de desqualificação do outro, são concebidos como violência conjugal [...] (SILVA, 2014, p. 83-84).

Cavalcanti (2006) apud Pereira e Pereira (2011) assegura que ter uma família perfeita é apenas um mito e que pode gerar, nos componentes da mesma, a noção de que é um lugar de carinho, respeito e harmonia. Entretanto, essas características podem estar ligadas a outras crenças irrealistas, como o de que a violência dentro de um relacionamento só acontece em famílias que não são consideradas normais ou pertencentes à classe baixa. As pessoas que acreditam nisso acabam por negligenciar a gravidade da situação que é a violência doméstica, e entendem como se fosse algo necessário à educação dos filhos, e fosse natural dentro dos relacionamentos e de interações familiares.

A violência contra a mulher é classificada em diferentes tipos, um deles é a violência conjugal, ou seja, aquela que ocorre entre companheiros íntimos, e ela muitas vezes é justificada como “legítima defesa da honra masculina” dando impunidade aos que praticam, além de violar os direitos humanos e direitos das mulheres (SILVA, 2014).

Nos relacionamentos em que a violência está presente, os direitos humanos são violados devido ao fato de causar prejuízos à saúde, que segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), saúde é “um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não somente a ausência de doença”. Esses danos podem levar à morte de uma das pessoas envolvidas, já que pode haver silêncio e submissão por parte da pessoa que está sendo violentada, e isso acontece devido ao fato de que as mulheres possuem uma herança de inferioridade que é algo da cultura patriarcal e falocêntrica em que vivemos, e também devido ao medo e insegurança de não

conseguir outro parceiro ou mesmo se sustentar sozinha . A violência doméstica, comumente, aparece nas relações familiares e é praticada pelo cônjuge ou ex-cônjuge. A existência desse tipo de relacionamento acaba por gerar estranheza visto que o ser humano tem a necessidade de estar com alguém e de formar vínculos amorosos durante todas as fases da vida, pois existe a necessidade inata ao ser humano de se relacionar com outras pessoas. A psicanálise diz que os relacionamentos experienciados durante todo o ciclo vital, em especial na infância, são de extrema importância considerando-se que é a partir delas que a subjetividade do indivíduo é formada, já que é nessa fase da vida em que ocorrem as primeiras experiências e se inicia o processo de formação de personalidade do indivíduo (LIMA; WERLANG, 201).

Os casos onde a mulher continua dentro do relacionamento mesmo após a agressão é tratado por Walker (1979) apud Fontes (2017) como Ciclo da Violência, pois é um processo de círculo vicioso. A autora explica que esse ciclo da violência se dá em três fases, são elas: fase 1 – Fase de aumento e acúmulo de tensão, pois é nesse momento que o violentador começa a dar os primeiros sinais de agressividade e mesmo que haja uma tentativa de acalmar é em vão. A fase 2 – Fase do ataque e ocorrência da agressão, é quando acontece o ato violento, que não necessariamente são físicas, podendo ser gritos, humilhações e outras do gênero. A Fase 3 – Fase de reconciliação e lua de mel, nesse momento o parceiro se diz arrependido e promessas de que irá mudar seu comportamento, e após algum tempo de calma esse ciclo volta a se repetir.

Na violência psicológica, o violentador busca maneiras de manipular a pessoa, colocando o equilíbrio mental da mulher em questão, pois esse a indaga sobre pensamentos, comportamentos, sentimentos e sobre seu humor, deixando a vítima confusa e acabando por acreditar no que o parceiro diz sobre ela e fica desanimada comprometendo sua autoestima, como por exemplo, deixa de acreditar em si, passa a achar que o problema dentro da relação é ela ou seus comportamentos. Isso colabora no ganho de poder do abusador, pois quando a mulher já não acredita em si mesma, cria uma dependência e age com passividade, visto que na atualidade a mulher ainda é percebida como submissa ao homem, então para a psicanálise, sua subjetividade é moldada a partir disso e vê seu comportamento passivo como natural (ARMILIATO, ALVES, 2019; FONSECA, RIBEIRO, LEAL, 2012).

Dessa forma, Dias, Neves e Paravidini (2013) explicam sobre a escolha do parceiro amoroso citando Freud (1925/1980), ao trazerem que ao nascer o bebê depende inteiramente de outro ser humano e que com o passar do tempo ele se afasta dessa necessidade total do outro. Esse processo é conhecido como perda do objeto de amor e tem interferência na escolha

amorosa, pois a criança tem como consequência, desde cedo a experimentar sentimentos de desamparo diante de seus primeiros e mais importantes objetos de amor, que são os seus pais.

Desse modo, o medo da perda do objeto amoroso, que traz, conseqüentemente, a extensão de forma mais ou menos intensa para as outras fases do desenvolvimento do indivíduo, em que a relação entre amor e desamparo parecem se misturar e se confundir. Isso acontece devido ao fato de que as sensações envolvidas nos sentimentos são semelhantes e na busca do prazer e evitação do sofrimento, o sujeito pode confundir o que sente.

Buscar no Outro alguma característica do primeiro objeto de amor perdido na infância gera uma pulsão direcional na busca da realização de um desejo, porém, para a psicanálise, essa busca é vista como uma ilusão de encontrar na realidade o objeto de amor perdido e voltar a ter o mesmo prazer já vivenciado, pois o indivíduo tenta se completar, visto que a perda do objeto de amor deixa um espaço vazio que tenta ser preenchido posteriormente. No entanto, a ilusão de que isso pode acontecer, não passa de uma produção do desejo do ser humano, fazendo com que a pessoa pelo qual se está apaixonada acabe sendo quem o indivíduo deseja para suprir suas necessidades (DIAS, NEVES, PARAVIDINI, 2013).

Em sua obra *Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana*, Freud (1901) fala sobre as lembranças da infância, pois é nela que se inicia as escolhas, sendo assim nas escolhas objetais existe um importante fator denominado como identificação, ou seja, em toda relação objetual há uma identificação e um posterior abandono do objeto amado. Para Freud, o Eu é o resultado de todas as identificações abandonadas pelo indivíduo durante a vida, primordialmente, nas relações com os pais, que são os primeiros objetos de amor (escolhas objetais) e identificação. Dessa maneira, relacionando as falas de Freud com o artigo *Violência Psicológica na Mulher Sob a Luz da Psicanálise: um estudo de caso*, de Ferreira e Danziato (2019), nota-se que há uma relação cultural que pressupõe a identificação da criança com o modo que o pai é (suas características, sua identidade, como trata a mãe).

Ou seja, nas relações há um componente intergeracional de violência que é aprendido pelo sujeito desde a infância pelo processo de identificação, uma vez que a criança é a antítese e a síntese dos seus pais. Desse modo, podemos compreender uma relação importante entre psicanálise e cultura, uma vez que as formas que a criança aprende as maneiras de demonstrar o amor são aprendidas desde cedo, principalmente no modo como seus pais amam, tem uma profunda relação com as formas que a criança amará no futuro e irá tratar seu objeto de amor, assim como seu pai escolheu e tratou seu objeto de amor, que no caso é a mãe (FREUD, 1901).

Quando a palavra objeto é usada na psicanálise, ela se refere ao mundo e como o ser humano se relaciona com ele, ou seja, ao usar o termo relação objetal subentende-se que está a se falar de relacionamentos interpessoais, aquilo que está fora do indivíduo (NARDI; BENETTI, 2013).

Muitas pessoas se questionam sobre os motivos pelos quais as mulheres ainda permanecem nessas situações se elas poderiam apenas sair da relação, porém poucas pessoas entendem que perceber e quebrar esse ciclo de violência dentro do relacionamento não é simples, pois existem diferentes fatores que levam a isso, como por exemplo mulheres que dão continuidade por medo, dependência, seja ela econômica ou emocional, casos onde ela acredita que sua visão sobre o companheiro é enganosa e que está fazendo interpretações errôneas e também por culpa dos conflitos a dois (QUEIROZ, 2017).

A psicanálise traz que a escolha da pessoa com a qual se tem um relacionamento conjugal é definida pelo próprio indivíduo por meio de vieses conscientes, porém, principalmente, por meio do inconsciente e suas motivações definidas a partir das relações humanas. As relações que explicam o modelo de se relacionar do indivíduo é definido por Freud como relações objetais, ou seja, aquela em que o indivíduo se relaciona com seu ideal de ego, com o outro que possui características que ele deseja ter, pois há incorporações e identificações (CELES; SANTOS; ALVES, 2006).

A relação objetal se dá a partir do objeto presente na lembrança do indivíduo, pois seu primeiro objeto sexual são os pais, e eles são parcialmente responsáveis pela formação do ego do indivíduo. As relações objetais possuem uma ligação com as relações narcísicas, que é aquela voltada para si mesmo, mas, também apresentam divergências entre si, pois Freud (1914-1916) traz que quanto mais voltada para uma dessas relações, a outra fica em desvantagem. Um exemplo disso seria quando se está apaixonado, nesse processo há um investimento maior na relação objetal deixando a relação narcísica em segundo plano, e isso pode levar a uma espécie de abandono do Eu em favor do Outro.

Costa (2014) diz que um dos fatores que tem um grande poder de influência no futuro da mulher é o período de ligação afetiva que antecede o Complexo de Édipo, pois é nessa fase que a criança começa a se preparar para atingir características que deseja ter no futuro e com as quais desempenhará funções sexuais e atividades sociais. Considera-se esse ponto importante pelo fato de que é a partir dele que irá se formar aquilo que dizemos ser o motivo para atrair um homem, pois nas relações conjugais, segundo Freud, a vida se repete, fazendo com que o homem se apaixone por uma mulher que seja semelhante à sua mãe, e a mulher vê seu pai no

marido<sup>3</sup>. Sendo assim, é possível entender que os seres humanos buscam em seus parceiros características de seus genitores. Ferreira e Danziato (2017) trazem a fase pré-edipiana como sendo mais importante para a mulher do que para o homem, pois nesse período a relação com a mãe é maior, e é aí que as meninas começam a ver seus ideais.

No entanto, isso é visto como um problema, pois Lima e Werlang (2011) trazem que a experiência traumática de ver a violência dentro de casa não pode ser representada a não ser por atos e isso resulta, na mulher adulta, em um contexto familiar com as mesmas condições, onde existe sofrimento psicológico e até físico, pois a pessoa que vive nessas condições está tão fragilizada que não consegue refletir sobre si e seu relacionamento. A passividade de mulheres diante desse tipo de relacionamento evidencia a pulsão de morte presente em suas vidas, e ainda que isso seja inconsciente, é a pulsão a responsável por esse ciclo de relacionamentos abusivos, pois a pulsão de morte presente nesses relacionamentos impelem mulheres a permanecerem na violência, visto que Lourenço (2004), explica a pulsão de morte como sendo algo presente na vida do ser humano desde o princípio, porém, inicialmente é entendida como autodestruição, e quando isso torna-se insuportável ao Eu, dirige-se ao objeto, ou seja, ao ambiente externo e ao outro.

Na obra de Porto (2014), a autora diz que a psicanálise pode explicar a permanência em relacionamentos abusivos por diferentes vieses, um deles seria a busca ilusória do objeto de amor perdido na infância, o qual possui a vontade de se sentir amado para se completar. No entanto, esse sentimento pode estar ligado ao desejo da mulher se manter nesse vínculo na busca da realização dos desejos do marido para que ele a ame incondicionalmente ou ao menos não a abandone, pois isso a deixaria ainda mais fragilizada. Em casos onde a mulher permanece na relação apenas por status, a autora alega que seria no intuito de ser reconhecida, pois muitas mulheres ainda sofrem preconceito de gênero. Além disso, a permanência em relacionamentos abusivos, segundo a psicanálise, é muito mais do que desejos ou submissão da mulher, possui uma forte ligação com a formação sua subjetividade, da construção social imposta a ela desde os anos iniciais de sua vida. Dessa maneira, as contribuições de Souza (2015) trazem que presenciar ou sofrer algum tipo de violência acarreta na sua transmissão de geração em geração, ou seja, a violência está presente em diversas gerações da família, e isso acontece por intermédio do comportamento dos genitores para com os filhos ou na presença deles.

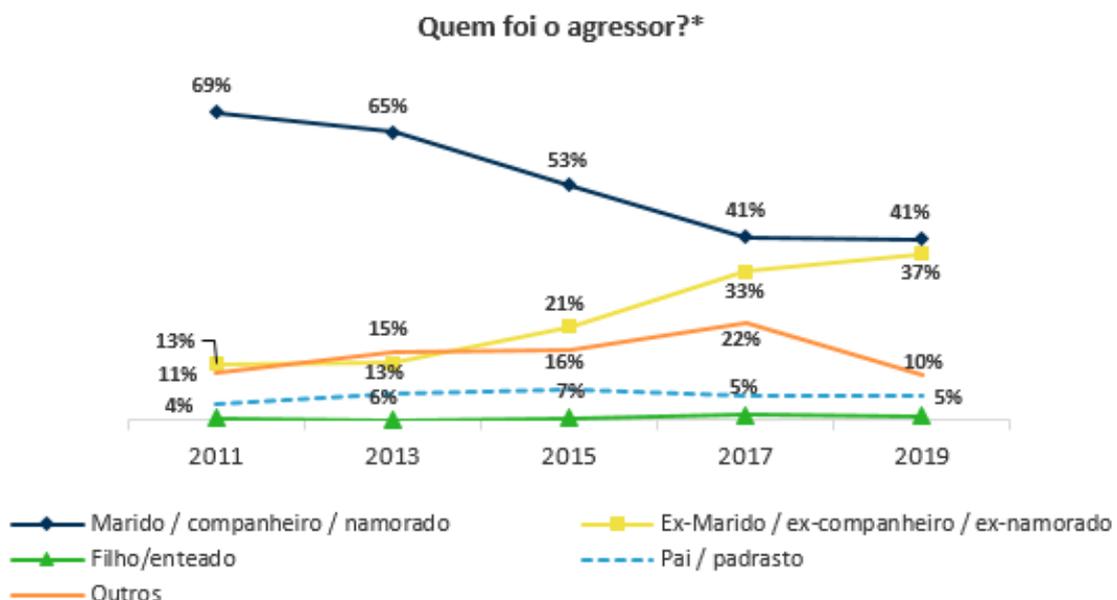
---

<sup>3</sup> Sodr e e Ar n (2012) apud Butler (2002) trazem que a ideia de combinação homem-mulher está equivocada, pois há outras combinações binárias na atualidade, uma vez que se pensarmos apenas em heterossexualidade há uma limitação na explicação dos relacionamentos.

Outro problema que a transmissão de atitudes através das gerações pode causar é a noção de que a mulher é um ser inferior ou algo semelhante, pois ainda que a noção de que a mulher é um indivíduo merecedor de respeito tanto quanto o homem, os ataques violentos são frequentes e variam em sua tipologia (MOREIRA; PÔNCIO; DAMASCENO, 2019).

A fim de amenizar a desigualdade e promover igualdade entre os gêneros, o Brasil, assim como outros países membros das Nações Unidas, desenvolveu melhores políticas de segurança pública, fazendo assim com que o governo mudasse algumas práticas socioeconômicas, culturais, políticas e sociais a fim de promover mais segurança (SILVA, 2014). A imagem abaixo é um demonstrativo dos índices de violência contra a mulher e qual seria o tipo de relação da vítima com o agressor.

Figura 2 – Gráfico de violência contra a mulher



Fonte: SENADO FEDERAL, 2019.

Devido ao fato de os números de casos denunciados de violência contra a mulher aumentarem a cada ano, algumas políticas públicas foram criadas, por exemplo, as Delegacias Especializadas no Atendimento às Mulheres, fruto das lutas feministas, pois foi com elas que a violência contra a mulher teve seu devido reconhecimento como crime, o que implicou ao Estado a elaboração e implantação de políticas públicas para seu combate (SOUZA; CORTEZ, 2014). Além disso, existem leis que garantem a segurança da mulher, como por exemplo a Lei nº 11.340, também conhecida como Lei Maria da Penha. Essa lei traz em seu capítulo II, art. 7º, as formas de violência contra a mulher, sendo elas classificadas como: violência física, aquela que afronta a saúde corporal e integridade da pessoa; violência psicológica, causando danos

emocionais, diminuição da autoestima, controle de comportamentos, atitudes, dentre outras; violência sexual, considerada toda aquela que force a mulher a ver, manter ou fazer parte de uma relação sexual indesejada, que proíba o uso de métodos contraceptivos, dentre outros; violência patrimonial, onde o parceiro retenha ou destrua objetos pessoais e de trabalho; e por fim, a violência moral, onde há calúnia e difamação (BRASIL, 2006).

Cruz et al. (2018) trazem em sua obra a importância das mulheres saberem sobre os tipos de violência e que se faz indispensável o acesso à informação, e com isso um documento do Senado Federal (2020) traz diversos locais que prestam serviços especializados na violência contra a mulher, alguns deles são: Casas-Abrigos, que acolhem mulheres que estão correndo risco de morte; Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher; Defensorias Públicas e Defensorias da Mulher; dentre outras. Sabe-se ainda que em casos de flagrante deve-se ligar 190, e em casos de denúncia disca-se 180.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O trabalho aqui apresentado foi realizado a partir da análise de 10 artigos encontrados em diferentes base de dados disponíveis na internet, que abordaram os conceitos de violência conjugal, psicanálise e abuso emocional, pois esse material tem como objetivo poder explicar maneiras pelas quais a psicanálise define as razões de permanecer em relacionamentos onde há a violência psicológica.

A violência contra a mulher vem aumentando expressivamente a cada ano gerando um problema de saúde pública, visto que a agressão psicológica está acometendo cada vez mais mulheres, deixando-as doentes mental e fisicamente, sendo assim, causando prejuízos na vida das pessoas. É muito importante que mulheres nessas situações busquem ajuda do profissional em psicologia o quanto antes, a fim de que não cause ainda mais danos e que consigam ter sua independência novamente.

Com o intuito de amenizar os índices de violência contra a mulher e de prestar apoio para aquelas que sofrem com isso, entidades como a ONU têm buscado implementar políticas públicas, como por exemplo a criação da ONU Mulheres (Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres) que desenvolveu uma cartilha chamada “Vamos Conversar?”<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Cartilha “Vamos Conversar” – ONU Mulheres. Link: [http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/CARTILHA\\_DF.pdf](http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/CARTILHA_DF.pdf)

para explicar como acontece a violência doméstica e maneiras de enfrentamento. Além disso, existem planos de combate à violência contra a mulher dentro do Brasil como a campanha nomeada “Você tem voz” planejada pelo Governo Federal que visa ser mais efetiva nas ligações relaziadas ao número 180, telefone destinado para mulheres vítimas de violência ou testemunhas.

Uma das explicações psicanalíticas que se tem é a respeito da vivência anterior e durante o Complexo de Édipo uma vez que as primeiras experiências do ser humano é em casa com as pessoas responsáveis por sua criação, e devido a isso, as cenas presenciadas é comum achar que aqueles comportamentos são corretos e aceitáveis. De uma forma bem resumida, no Complexo de Édipo, o menino começa a reproduzir os comportamentos do pai a fim de obter o amor da mãe. Dessa maneira, ao presenciar comportamentos agressivos e notar que a mãe permanece junto ao pai, o filho acreditar que aqueles comportamentos são positivos. O mesmo acontece com a menina, ao ver os comportamentos do pai e a permanência da mãe mesmo sendo violentada, ela irá reproduzir o comportamento da mãe. Dessa maneira, entende-se que a psicanálise busca razões para a permanência nos relacionamentos abusivos desde a infância, pois é nesse período em que há a formação da personalidade da criança.

Neste trabalho se trouxe diferentes explicações psicanalíticas sobre a permanência em relacionamentos violentos e ao seu final também trouxe medidas adotadas pelo governo a fim de amenizar os impactos da violência contra a mulher e uma das leis mais importantes de proteção à mulher, que é a Lei Maria da Penha. Entretanto, os estudos acerca do tema ainda são escassos e por isso existe uma necessidade de se entender mais sobre a intergeracionalidade da violência contra a mulher e métodos de romper o ciclo de violência para que mais mulheres tenham consciência da situação em que vivem e busquem meios de sair desses relacionamentos.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ARMILIATO, C; ALVES, C.F. Gaslighting: As Mulheres Estão Loucas?. **Anais do VII Congresso de Pesquisa e Extensão**, Rio Grande do Sul, 2019. VII Congresso de Pesquisa e Extensão da FSG V Salão de Extensão.

BALDUINO, R. C. P.; ZANDONADI, A. C.; OLIVEIRA, E. B. Violência doméstica: fatores implícitos na permanência em situação de sofrimento. **Revista Farol**, Rolim de Moura - RO, v. 3, ed. 3, 2017. Disponível em: <http://revistafarol.com.br/index.php/farol/article/view/39/60>. Acesso em: 28 out. 2020.

BRASIL. **Senado Federal**. Serviços Especializados de Atendimento à Mulher. Brasília: 2020. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/omv/acoes-contra-violencia/servicos-especializados-de-atendimento-a-mulher>. Acesso em: 18 ago. 2020

BRASIL. **Senado Federal**. Violência doméstica e familiar contra a mulher – 2019. Brasília: 2019. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/procuradoria/comum/violencia-domestica-e-familiar-contra-a-mulher-2019>. Acesso em: 01 set. 2020.

BRASIL. **Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006**. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Brasil, 7 ago. 2006. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm). Acesso em: 18 ago. 2020.

CELES, L.A.M; SANTOS, A.C.G dos; ALVES, K.C.M. Teoria das relações de objeto em Freud e Fairbairn. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. VI, ed. 2, 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v6n2/02.pdf>. Acesso em: 17 ago 2020.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (Brasil). **Referências técnicas para atuação de psicólogas (os) em Programas de Atenção à Mulher em situação de Violência**. Brasília: CFP, 2012. 82 p. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wpcontent/uploads/2013/05/referencias-tecnicas-para-atuacao-de-psicologas.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2020

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA (Brasil). **Processos de violência doméstica e feminicídio crescem em 2019**. Brasil, 9 mar. 2020. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/processos-de-violencia-domestica-e-femicidio-crescem-em-2019/>. Acesso em: 17 ago. 2020.

COSTA, M.M. **Violência Conjugal**: Uma leitura Psicanalítica. Orientador: Profa. Me. Iris Fátima Alves Campos. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Regional Do Noroeste Do Estado Do Rio Grande Do Sul, Rio Grande do Sul, 2014. Disponível em: <https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/bitstream/handle/123456789/2893/TCC%20Mariana.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 30 ago. 2020.

CRUZ, J.M *et al*. Relacionamento Abusivo: O Silêncio Dentro do Lar. **Anais do XIII**

EVINCI, Curitiba, p. 434-446, 2018. XIII EVINCI.

DIAS, A.S.F; NEVES, A.S. A Constituição do Vínculo Conjugal Violento: Estudo de Caso. **Revista do NESME**, São Paulo, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/vinculo/v11n1/n1a03.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2020

FERREIRA, E. S; DANZIATO, L.J.B. A violência psicológica na mulher sob a luz da psicanálise: Um estudo de caso. **Caderno de Psicanálise**, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: [http://cprj.com.br/ojs\\_cprj/index.php/cprj/article/view/144/135](http://cprj.com.br/ojs_cprj/index.php/cprj/article/view/144/135). Acesso em: 24 ago. 2020

FONSECA, D.H; RIBEIRO, C.G; LEAL, N.S.B. Violência Doméstica Contra a Mulher: Realidades e Representações Sociais. **Psicologia e Sociedade**, Paraíba, p. 307-314, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/psoc/v24n2/07.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2020.

FONTES, G.C. A (In) **Visibilidade da Violência Conjugal Psicológica Contra a Mulher na Produção Científica Brasileira em Psicologia**. Orientador: Gláucia Ribeiro Starling Diniz. 2017. Dissertação (Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura) - Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: [https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/31341/1/2017\\_GiordanaCalvaoFontesSantanadeOliveira.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/31341/1/2017_GiordanaCalvaoFontesSantanadeOliveira.pdf). Acesso em: 2 set. 2020.

FREUD, S. Introdução ao Narcisismo. *In*: FREUD, S. **Introdução ao Narcisismo, Ensaios de Metapsicologia e Outros Textos**. [S. l.]: Companhia das Letras, 1914-1916. v. 12, cap. 1.

FREUD, S. Lembranças da Infância e Lembranças Encobridoras. *In*: FREUD, S. **Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana**. [S. l.]: Imago, 1901. v. 6, cap. 4.

LIMA, G. Q. de; WERLANG, B. S. G. Mulheres que sofrem violência doméstica: Contribuições da psicanálise. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 16, ed. 4, p. 511- 520, 2011. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141373722011000400002&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141373722011000400002&script=sci_arttext). Acesso em: 18 ago 2020.

LOURENÇO, L.C. d'A. Reflexões Sobre a Violência e o Homem Contemporâneo. **Psicologia : Ciência e Profissão**, Brasília, v. 24, ed. 1, 2004. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932004000100008](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932004000100008). Acesso em: 17 set. 2020.

MACARINI, S. M.; MIRANDA, K. P. Atuação da psicologia no âmbito da violência conjugal em uma delegacia de atendimento à mulher. **Pensando Famílias**, Porto Alegre, n. 1, ed. 22, 2018. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-)

494X2018000100013. Acesso em: 18 ago. 2020

MOREIRA, I.D; PÔNCIO, T.G.H.O; DAMASCENO, M.R. VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: UMA PROBLEMÁTICA DE SAÚDE PÚBLICA. V **Seminário Científico do UNIFACIG**, Minas Gerais, 2019.

NARDI, S.C.S; BENETTI, S.P.C. Contribuições Psicanalíticas Acerca da Violência Conjugal. **Psicologia** : Ciência e Profissão, Rio Grande do Sul, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pcp/v34n1/v34n1a09.pdf>. Acesso em: 3 set. 2020.

NEVES, A.S; DIAS, A.S.F; PARAVIDINI, J.L.L. A psicodinâmica conjugal e a contemporaneidade. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 25, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pc/v25n2/v25n2a05.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2020.

PEREIRA, M. N. DA C.; PEREIRA, M. Z. DA C. A violência doméstica contra a mulher. **Revista Espaço do Currículo**, v. 4, n. 1, 25 set. 2011.

PIZZANI, L. et al. A Arte Da Pesquisa Bibliográfica Na Busca Do Conhecimento. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 10, ed. 1, p. 53-66, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1896>. Acesso em: 17 ago. 2020.

PORTO, M. A Permanência de Mulheres em Situações de Violência: Considerações de Psicólogas. **Psicologia** : Teoria e Pesquisa, Brasília, v. 30, ed. 3, 2014. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-37722014000300004&lang=en](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722014000300004&lang=en). Acesso em: 15 set. 2020.

QUEIROZ, R.A. **Longe dos olhos, mas perto do coração**: a interferência da memória na (in)visibilidade da violência psicológica contra a mulher na relação conjuga. Orientador: Profa. Dra. Tânia Rocha Andrade Cunha. 2017. Dissertação (Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, [S. l.], 2017. Disponível em: <http://www2.uesb.br/ppg/ppgmls/wp-content/uploads/2017/06/Dissertacao-Rosana-Ata%C3%ADde-de-Queiroz.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2020.

RIOS, D. R. Língua Portuguesa. São Paulo: DCL, 2009.

SILVA, I. P. A. **Lar [in]dócil Lar**”: A memória e o silêncio da violência no contexto das relações conjugais. Orientador: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Tânia Rocha Andrade Cunha. 2013. Dissertação (Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, 2014. Disponível em: <http://www2.uesb.br/ppg/ppgmls/wp-content/uploads/2017/06/Dissert-Ivana-Patr%C3%ADcia-Almeida-da-Silva.pdf>. Acesso em:

26 ago. 2020.

SODRÉ, M.; ARÁN, M. Considerações contemporâneas sobre a noção psicanalítica de diferença sexual. **Revista Mal Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 12, ed. 1-2, 2012. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-61482012000100011](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482012000100011). Acesso em: 27 out. 2020.

SOUZA, L; CORTEZ, M. B. A delegacia da mulher perante as normas e leis para o enfrentamento da violência contra a mulher: Um estudo de caso. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 48, ed. 3, 2014. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-76122014000300005&script=sci\\_arttext&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-76122014000300005&script=sci_arttext&tlng=pt). Acesso em: 04 set. 2020.

SOUZA, M.C. **A Intergeracionalidade na Violência por Parceiros Íntimos**: Revisão Sistemática. Orientador: Dr<sup>a</sup> Elza Berger Salema Coelho. 2015. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/157279/336623.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 28 ago. 2020.

WHO. Constitution of the World Health Organization. Geneva, 1946. Disponível em: [https://www.who.int/governance/eb/who\\_constitution\\_en.pdf](https://www.who.int/governance/eb/who_constitution_en.pdf). Acesso em: 27 out. 2020